

CARTA DO
LíBANO

ROSELY CURY

MULHER, MÃE E EMPRESÁRIA DE SUCESSO, ROSELY CURY SANCHES CONSTRUIU UMA TRAJETÓRIA BASEADA NA ÉTICA, INTEGRIDADE E RESPEITO

SÉRGIO
SAAD
UM GUARDIÃO
DA MEMÓRIA



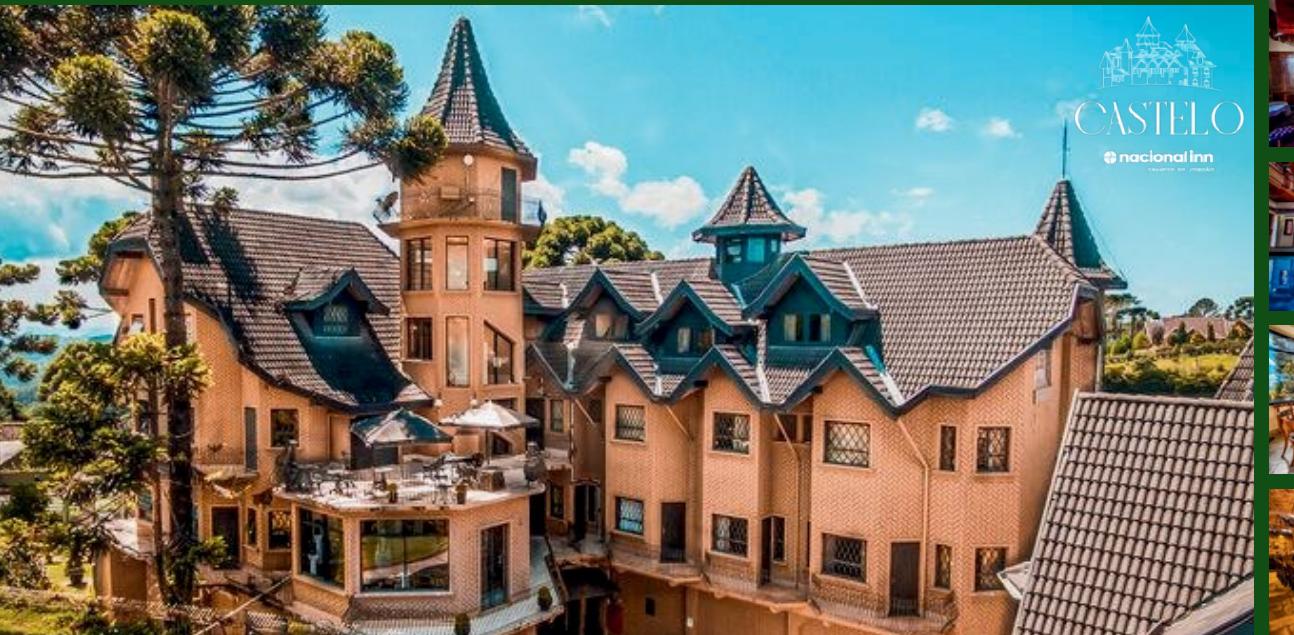
Telefone
(12) 3663-3887

WhatsApp
(12) 3663-3577

www.nacionalinn.com.br
reservas1@castelonacionalinn.com.br

Endereço: Rua Joaquim Pinto Seabra, 208, Vila Everest Campos do Jordão | 12460-003

Solicite sua reserva diretamente com o hotel e garanta tarifas especiais!



Telefone
(12) 3662-4338

WhatsApp
(12) 99712-8997

www.nacionalinn.com.br
reservas1@castelonacionalinn.com.br

Endereço: Rua Roberto Pistrak Nemirovsky, 148, Alto Boa Vista Campos do Jordão | 12460-000

UM SENTIMENTO DE ESPERANÇA E RECONSTRUÇÃO

8 de dezembro de 2024 é uma data que vai marcar a memória de várias gerações na Síria e no Líbano. O colapso do regime de Bashar al-Assad não apenas derruba décadas de sofrimento e perseguições, mas também promete abrir uma janela de esperança por uma vida melhor para sírios e libaneses.

À medida que uma nova realidade na Síria se instala, uma reordenação da dinâmica de poder regional já está tomando forma, o que diminui drasticamente a influência do Irã nos dois países. A queda do regime sírio corta a ponte terrestre para seu representante libanês, a milícia Hezbollah. Desarraigado de sua postura estratégica de décadas na Síria, é improvável que o Irã se recupere desse revés significativo no futuro previsível.

Para os libaneses, que viviam durante 30 anos sob a tutela do regime sírio, o teor da transição pós-Assad constituirá um momento decisivo, seja entregando ao Líbano uma vitória desesperadamente necessária ou mergulhando o país ainda mais fundo na crise. A calma relativa na Síria permitiria que mais de um milhão de refugiados sírios que vivem no Líbano retornassem, fornecendo ao país o espaço muito necessário para se recuperar e reconstruir após o conflito de um ano com Israel.

A Síria foi a sexta maior força militar do mundo árabe – a 60ª maior, em termos internacionais, segundo o Índice Global de Poder de Fogo de 2024, de um total de 145 países analisados.

O Natal deste ano é um verdadeiro renascimento para todos os oprimidos na região, que necessitam de tolerância, esperança e justiça para construir uma nova vida. E que todos os presos e desaparecidos voltem para suas famílias, onde olhos cheios de lágrimas e corações cansados de sofrer esperavam pelo seu retorno à liberdade.



FOTO: MARTA SANTOS



CARTA DO LÍBANO

CARTA DO LÍBANO LTDA

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL
FOUAD NAIME
MTB 79126/SP

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE
DUSHKA E MAYU TANAKA • ESTUDIO29.COM

EDIÇÃO
MARIO MENDES
MARCOS STEFANO Z. COUTO

FOTOS
AGENCE FRANCE PRESSE

TRATAMENTO DE IMAGENS
ADIEL NUNES

ASSINATURA ANUAL R\$ 400,00

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

OBSERVAÇÃO AS MATERIAS ASSINADAS SÃO DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

E-MAIL CONTATO@CARTADOLIBANO.COM.BR

FONE 11 5461.0089

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
RUA DA CONSOLAÇÃO, 323 - CJ. 908
SÃO PAULO/SP - CEP: 01301-000

WWW.CARTADOLIBANO.COM.BR



NOSSA CAPA
ROSELY CURY
FOTO
ERNESTO EILERS

f @cartadolibano **c** @cartadolibano

Endereço: Rua Roberto Pistrak Nemirovsky, 148, Alto Boa Vista Campos do Jordão | 12460-000

O

O NATAL LIBANÉS

Líbano é o único país do Oriente Médio onde o Natal é feriado oficial. O marketing e a comercialização fizeram da data um festival mais secular no Líbano. Para os libaneses cristãos o Natal é uma oportunidade de renovação de amizades, frequentemente celebrado até mesmo pelos muçulmanos, que abraçam a comemoração decorando as casas com a tradicional árvore e as principais vias urbanas ostentam enfeites e presépios. O almoço de Natal é considerado a refeição mais importante da temporada. Toda a família se reúne na casa do homem mais velho - seja o avô ou o filho mais velho - compartilhando uma refeição à base de carne, frutas e legumes.

Há também várias tradições e costumes específicos associados ao Natal. Alguns bem

parecidos com os do mundo ocidental, outros distintos e exclusivamente libaneses.

Uma curiosidade: Cristãos libaneses também chamam "presépios" os locais criados especialmente para o almoço natalino - espaços itinerantes montados em torno de cavernas. Na decoração são utilizados grãos de bico, de trigo, lentilhas, favas e aveia, cultivados em algodão nas semanas que antecedem o Natal. Os "presépios" tornam-se então local de oração das famílias. Já os presépios tradicionais são montados na sala das residências e projetados exclusivamente para receber os visitantes.

Para a ceia de Natal convencional são preparados peru e pato assados, tabule e doces, como bolo de mel e Bûche de Noël. A visita do Papai Noel às casas, trazendo presentes, acontece enquanto as famílias aguardam à meia-noite, quando soam os sinos das igrejas chamando para a Missa do Galo.

Na Terra dos Cedros o nascimento de Cristo é comemorado com tradições seculares e costumes locais. Uma celebração grandiosa e ecumênica

Vidas que precisam mudar: Família em situação de rua sob os cartazes eleitorais na ponte Cola, em Beirute

TRADIÇÃO



FOTOS: AFP



Noite de luz: Cidadãos de Beirute comemoram a cerimônia de iluminação da árvore de Natal da Praça Sassine, bairro de Ashrafieh

Em Beirute e no Oriente Médio, o Natal é motivo de festas glamorosas que atraem inclusive os não-cristãos

A manhã do Dia de Natal é uma ocasião para se visitar amigos e vizinhos, quando são oferecidos amêndoas açucaradas, licor e café. O almoço consiste em frango, arroz e quibe - feito de trigo triturado e cozido - ou burghul misturado com cebola, carne, sal e pimenta. Meghly, um pudim coberto com amendoim, amêndoas trituradas e nozes, é preparado sempre que uma criança nasce na família na época do Natal. É oferecido aos familiares e às pessoas que visitam o recém-nascido.

Em Beirute e outras grandes cidades do Oriente Médio, o Natal é motivo de festas glamorosas que atraem inclusive os não-cristãos. Com árvores de Natal comunitárias e luzes coloridas. Uma tradição cristã é o jejum de 40 dias antes do Natal. E o toque dos sinos das igrejas para anunciar o nascimento de Cristo.

Nas aldeias acendem-se grandes fogueiras, reunindo os moradores para contar histórias e

cantar canções. Votos de amizade são renovados e desentendimentos são conciliados. Rapazes e moças executam o Dabke, uma dança típica, e as pessoas dão as mãos formando semicírculos que acompanham a cadência da música. A dança inclui a marcação do ritmo com os pés. Os dançarinos vestem roupas coloridas e tocam a cabeça.

O povo libanês abraça o Natal de uma forma tão secular que todos, direta ou indiretamente, tornam-se parte dele. ■

CAPA

ROSELY CURY SANCHES

A RESILIÊNCIA COMO CHAVE DO SUCESSO

Mulher, mãe e empresária de sucesso,
Rosely Cury Sanches construiu uma trajetória
baseada na ética, integridade e respeito.

Tudo unido com muito amor e arte



Amiga da cultura e das artes:
Rosely Cury Sanches na
noite de lançamento do livro
"Benditas de A a Z", onde consta
seu depoimento de vida

R

eunir a família, receber os amigos, viajar, apreciar e incentivar arte e cultura. Esses são fatos bem conhecidos e admirados na vida da empresária e anfitriã extraordinaire Rosely Cury Sanches. Receber o convite para um de seus almoços, jantares e saraus - nos salões de seu apartamento em São Paulo - é certeza de momentos especiais na companhia de pessoas conectadas e bem-informadas. Com direito a troca de ideias, experiências, além do cardápio delicioso e da trilha sonora eclética e sempre impecável.

Há também a Rosely profissional, empresária de sucesso no comando do Grupo Albatroz, uma das maiores empresas do País no setor de segurança - fundado por ela e o marido, Joaquim Borges, de saudosa memória. Mulher empreendedora com visão inovadora de longo prazo, sua parceria com Borges foi um feliz encontro de habilidades e talentos complementares.

Juntos souberam transformar desafios em oportunidades, com muito trabalho e apoiados na ética, respeito e práticas de crescimento sustentável. Segundo ela, "o sucesso não se mede apenas pelos resultados financeiros, mas pela integridade nas relações pessoais e profissionais".

Nascida em Salto Grande, no interior paulista, Rosely é a filha mais nova de uma família numerosa - trineta de libaneses. "Cresci valorizando a vida comunitária e a união familiar", diz orgulhosa. Com o sonho de estudar em São Paulo, muito jovem mudou para a capital, onde estudou Direito e se tornou juíza do Tribunal de Impostos - mais tarde pediu exoneração e voltou a exercer a advocacia. Nesse período conheceu o futuro marido - tiveram

filhos gêmeos - e fundaram sua empresa em 1991.

Mesmo com a viuvez precoce, Rosely não se deixou abater. Determinação e resiliência sempre marcaram sua trajetória pessoal e profissional. Hoje, ela conta que as lembranças de seus amores são a força e a motivação para suas conquistas.

Além da família e do trabalho, a empresária declara que suas outras paixões são as viagens, os amigos e a arte. Ampliar os horizontes e conhecer novas culturas enriquecem sua vida. "A arte me conecta com a criatividade e é uma inspiração constante", ensina.

Uma constante em sua trajetória é a responsabilidade social e deixa claro que o maior sonho é ver um Brasil mais justo e menos desigual, reconhecendo que muitas pessoas dependem dela. Acredita que a educação é o caminho para essa transformação, permitindo que as pessoas mudem suas realidades. E, mais um vez, a família: "O maior legado que se pode deixar para os filhos são os valores de integridade e respeito".

Rosely planeja se engajar ainda mais nas causas sociais, sobretudo na causa das mulheres e na promoção da educação e cultura. Ela é atenta ao seu tempo, atuando para o empoderamento feminino e o combate à violência de gênero. Além disso, promove iniciativas culturais na Academia Latino-Americana de Arte. "Somente uma sociedade educada e culturalmente rica está preparada para superar desafios e construir um futuro inclusivo", argumenta.

Ao longo da vida, Rosely Cury Sanches aprendeu que empreender exige coragem e resiliência. Não basta apenas criar uma empresa, é preciso se reinventar e transformar ideias em realidade. Ela defende a importância da clareza nos sonhos e da capacidade de começar, mesmo que aos poucos. ■

FOTOS: ERNESTO ELLERS E ÁLBUM DE FAMÍLIA

“A RESILIÊNCIA É ESSENCIAL PARA SUPERAR OBSTÁCULOS E AS PEQUENAS CONQUISTAS DEVEM SER CELEBRADAS, POIS SÃO ELAS QUE MANTÊM O ESPÍRITO RENOVADO PARA SEGUIR EM FRENTE”



Amor maior: Rosely com o marido, Joaquim Borges, já falecido, e os filhos gêmeos, Ana Laura Cury Sanches Borges e Marco Antônio Cury Sanches Borges. Um casamento de sucesso também nos negócios

VIDAS BENDITAS

Advogada, empresária e especialista no mercado de luxo, Alessandra Cunha reuniu a história de várias mulheres em um projeto inspirador que já rendeu dois livros. E promete um terceiro para o ano que vem

Empresárias, médicas, artistas, arquitetas, dentistas, donas de casa. São muitos e diversos os perfis de mulheres reunidos no projeto “Benditas de A a Z”, idealizado pela empresária e advogada trabalhista Alessandra

Cunha. Com o intuito de celebrar o universo feminino brasileiro, a iniciativa transformou em livro histórias compartilhadas por mulheres de vários segmentos da sociedade, para inspirar e incentivar outras mulheres através das gerações.

“Benditas de A a Z”, que está na segunda edição - com 30 depoimentos - é uma publicação da editora da própria autora e organizadora da obra. Especialista em Direito do Trabalho e

Processo do Trabalho - área em que atua há 23 anos - Alessandra Cunha também é fundadora da Câmara Internacional do Mercado de Luxo e, nos últimos dez anos, dirigiu a “Luxus Magazine”. Daí o cuidado dispensado à atual edição da obra, em formato “coffee table book”, com capa assinada pelo renomado artista plástico Roberto Camasmie. E fotos de João Passos, profissional das lentes que já registrou, entre outras celebridades, Hebe Camargo, Pelé, Xuxa e Gisele Bündchen.

Entre as perfiladas no livro encontra-se a empresária Rosely Cury Sanches, presidente do Grupo Albatroz - com uma rede de mais de 18 mil colaboradores em todo o Brasil. Além de uma das grandes representantes do empreendedorismo no Brasil, Rosely também se destaca como madrinha

FOTOS: ERNESTO EILERS



A advogada Alessandra Cunha com a empresária Rosely Cury



Rosely Cury e deputado federal Antônio Carlos Rodrigues



Empoderadas: A dermatologista Luciane Scattone e Rosely Cury



Inspiradoras: Deborah Delphino e Rosely Cury



Experiências compartilhadas: Alessandra Cunha, Rosely Cury e Mônica Cury



Sororidade:
Márcia Valéria
Braga Razuk,
Fabiana de Paula
Trombetta, Rosely
Cury Sanches
e Ligia Prouvot



O artista: Roberto Camasmie, - autor da capa do livro, com Rosely Cury e Daisy Camasmie



Sorrisos: Marli Fiqueni, Rosely Cury e Mônica Cury



De A a Z: O diverso grupo de mulheres reunido por Alessandra Cunha para contar suas histórias



Rosely Cury e Cintia Almeida



Luana Sorrentino, Alessandra Cunha, Adriana Lazuk, Cintia Almeida, Célia Mustafá e Fernanda Lino

“Todas passamos por adversidades e sempre iremos superá-las, se assim quisermos” - Alessandra Cunha



Alessandra Cunha mostra a capa do livro

de honra do Instituto Mulheres Solidárias e recentemente recebeu o título de embaixadora da Universidade de Oxford no Brasil. Sem falar de sua fama como anfitriã impecável, em almoços, jantares e saraus concorridos. E também exerce seu côte amante da cultura, principalmente como incentivadora das artes plásticas, poesia e música.

“Toda mulher possui uma história para inspirar outras mulheres. Quando compartilhadas, tornam-se mais fortes e nos mostram que todas passamos por adversidades e sempre iremos superá-las, se assim quisermos”, afirma Alessandra.

Ela informa que haverá a terceira edição do projeto em 2025, com o propósito de unir mulheres do passado e do futuro, por meio de suas trajetórias de vida genuínas, repletas de desafios e verdade. ■



Rosely Cury e Ana Karin de Andrade



**Programa de Parcelamento
INCENTIVADO - PPI**

A oportunidade que você esperava.

Está de volta o **PPI** da Prefeitura de São Paulo, para você regularizar seus débitos atrasados, como **IPTU** e **ISS**, inclusive os inscritos na Dívida Ativa.

DESCONTOS DE ATÉ
95%
À VISTA

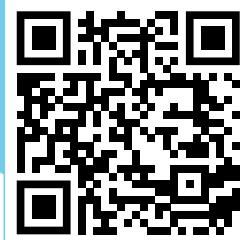
PARCELAS EM ATÉ
120x

100%
ON-LINE

fiqueemdia.prefeitura.sp.gov.br/ppi



Acesse:



**CIDADE DE
SÃO PAULO**

FAMÍLIA SAAD

SERGIO SAAD

UM GUARDIÃO DA MEMÓRIA

Aos 87 anos, ele lembra e conta detalhadamente, com muito orgulho, muita ênfase e bom humor, os episódios que marcaram sua própria vida e a trajetória de sua família

POR FOUAD NAIME

FOTOS: ERNESTO ELLERS E ÁLBUM DE FAMÍLIA



Desde os tempos da Jovem Guarda: O empresário tem muita história para contar. Como o episódio dos anos 1960, quando conheceu Roberto Carlos e lançou a calça Calhambeque, um sucesso de vendas em todo o Brasil

Tudo começou com a chegada, sem querer, de seu pai no Brasil, em 1907, quando a cidade de São Paulo tinha pouco mais de duzentos mil habitantes. Os bondes eram puxados por burros e as ruas, iluminadas com lampiões a gás - suspensos por cordas até o alto dos postes. Assim foi sua conversa com a Carta do Líbano.

CARTA DO LÍBANO: Quantos irmãos vocês são em sua família?

SERGIO SAAD: Duas irmãs e quatro irmãos, éramos seis. Minha irmã Lúcia faleceu muito jovem, com 37 anos, de forma drástica. Teve um filho que nasceu com problemas, fez tudo que era possível e impossível para sanar, não conseguiu e passou para o outro mundo, inesperadamente, por conta própria. A outra irmã, Marlene, está com 90 anos e reside em Santos. O irmão Ricardo, que estaria com 92, faleceu há dois anos. Eu, graças à Deus, com 87 anos, estou com muita saúde, viajando, passeando, namorando e usufruindo tudo que há de bom e do melhor, no meu dia a dia. O irmão Eduardo tem 85 anos e o irmão caçula, Nicolau, 78.

CARTA: Sobre seu pai: Onde e quando ele nasceu

SERGIO: Quando meu pai, Nicolau Saad, nasceu não havia Cartório de Registro de Nascimento na Síria, que era dominada pelos turcos, então o único documento que temos de meu pai é seu "salvo conduto turco", com a data que ele escolheu para o seu nascimento. Foi por volta de 1890.

CARTA: Como ele chegou ao Brasil?

SERGIO: Meu pai estava no primeiro ano da Faculdade de Medicina em Beirute. Em uma aula ele ouviu que a melhor Faculdade de Medicina do mundo ficava em Montreal, no Canadá. Ele se informou, se encantou ainda mais e aquilo se tornou um sonho. Começou a fazer trabalhos extras, para conseguir dinheiro para viajar. Alguns meses depois, planejou sua partida. Não comentou nada

com ninguém, saiu de madrugada. Porém, sua mãe o seguiu e eles se despediram e ele prometeu voltar. Nunca mais se viram. Ela morreu em 1913.

CARTA: Aqui ele se estabeleceu em Monte Azul Paulista?

SERGIO: De navio meu pai chegou na Itália, e havia duas opções: vir para o Brasil, junto com a imigração italiana, ou voltar para a Síria no mesmo navio em que havia chegado. Ele veio para a América do Sul. Depois de sessenta e poucos dias chegou no porto de Santos, viajando em um navio a vapor. Era 1907. Como ele falava algumas línguas, fez dinheiro durante a viagem traduzindo coisas para os outros passageiros, que falavam inglês, francês e árabe. Em Santos, perguntaram que documentos ele tinha e era um salvo conduto turco. Um sujeito disse que não servia para entrar no Brasil e perguntou o que mais ele trazia. Ele disse: "Roupas, meus livros e um pouco de dinheiro que fiz na viagem". Aí, o tal sujeito disse que iria guardar o dinheiro para ele, porque como ele iria dormir no porto, alguém poderia roubá-lo e, no dia seguinte voltaria para buscá-lo: "Amanhã eu te devolvo o dinheiro".

CARTA: E nunca mais voltou...

SERGIO: Claro. Como meu pai falava três idiomas, conseguiu se comunicar e acabaram o apresentando para um patrício, que tinha comércio na rua da Alfândega. Esse patrício disse que devia ter algum parente dele, da família Daud, em Monte Azul Paulista, cidade vizinha de São José do Rio Preto. Mas meu pai não tinha mais dinheiro para a passagem de trem. Como o trem só saía no sábado, falaram para ele passar a semana fazendo faxina na estação Santos-Jundiaí, depois fazer faxina no trem que deixaria ele na estação de Rio Preto. Só que ele teria de andar mais quarenta quilômetros a pé ou arranjar um cavalo, porque não havia transporte até Monte Azul Paulista. Ele decidiu ir a pé mesmo. Levou dois dias para chegar na cidade.

CARTA: Como seu pai iniciou a vida no Brasil?

SERGIO: Ele encontrou um parente da mãe, Moisés Daud, e começou a trabalhar para ele, vendendo



Linha do tempo: (no sentido horário) A mãe, Judith Assad. A prima Vânia e a irmã Lúcia. O avô Sergio (Hanna) Saad, o primeiro a chegar no Brasil. Ele não conseguiu embarcar para o Canadá e acabou se estabelecendo no interior paulista. E a amada esposa Maria Thereza dançando com seu pai, Melik Issa

“A FAMÍLIA TINHA DUAS LOJAS: UMA NA RUA 25 DE MARÇO E OUTRA NA ESQUINA DA LADEIRA PORTO GERAL”



O clã Saad: (no sentido horário) Vera, a nora; o filho Paulo Sérgio; Sérgio Saad; o neto Felipe e a esposa Maria Thereza. Marlene, irmã de Sérgio, com o filho Fabio. Sérgio com os quatro irmãos: Nicolau, Eduardo, Marlene e Ricardo. Dona Judith Saad em momento glamour de época

mercadoria nas fazendas. Depois de um ano e pouco abriu uma quitanda. O negócio se desenvolveu e ele começou a vender mercadorias que comprava em São Paulo. Como era sozinho, precisava de alguém para ajudar e trouxe o irmão, Jorge - pai do João Saad, dono da Rede Bandeirantes. Veio também a irmã dele, Malakeh, que se casou com o parente da família Daud. Eles ficaram no interior de São Paulo até 1919. Meu tio Jorge se casou por lá e meu pai continuou solteiro, até 1930 quando se casou aos 39 anos.

Minha mãe Judith Chedid Saad tinha 20 anos e era descendente dos Baracat-Chedid, de Beirute.

CARTA: Qual a sua formação escolar da família e dos seus irmãos?

SÉRGIO: Minhas irmãs formaram-se em Ciências Econômicas. Nós, os três irmãos menores, em Economia. Ricardo, o mais velho, casou-se cedo, com 22 anos, foi trabalhar com meu pai e não teve tempo para se formar. Estudamos nos colégios São Luiz, Mackenzie e Dante Alighieri.

CARTA: Qual foi o seu primeiro trabalho?

SÉRGIO: Desde meus 14 anos, durante parte das férias escolares, papai queria que eu trabalhasse. Meu primeiro emprego foi como office boy e host das três empresas dirigidas pelo meu primo João Jorge Saad e meu tio José Saad. O escritório das empresas ficava na Avenida Ipiranga, 1248, da Imobiliária Aricanduva, proprietária do bairro Jardim Leonor e das Rádios Bandeirantes e América. Essas empresas na ocasião eram do Adhemar de Barros - futuro governador de São Paulo. Meu primo era casado com a filha dele, Maria Helena, e junto com meu tio José eram presidente e vice das três empresas. Eles se tornaram donos quando houve a divisão dos bens da herança do Adhemar. Durante a semana eu trabalhava como office boy, nos fins de semana como host no plantão de vendas do Jardim Leonor. A título de curiosidade, para chegar no Jóquei Clube e no Jardim Leonor, no Morumbi, se atravessava uma ponte estreita de

financiamento. Ele dizia: “Deus me trouxe para este país, me deu fortuna, me deu família, depois colocou tudo num lugar e pôs fogo”. Daí ele não quis mais trabalhar. Mas, graças a Deus, ele nos deu instrução nos melhores colégios, uma boa casa e ficamos todos bem de vida. Judith e Nicolau Saade, mãe e pai que quase já não se fazem mais.

CARTA: Qual a sua formação escolar da família e dos seus irmãos?

SÉRGIO: Começou com uma loja na rua Direita, no centro de São Paulo, chamada A Tecelã, que só vendia produtos importados. A família tinha duas lojas: Uma na rua 25 de Março, em um prédio de três andares, Nicolau Saad Irmão & Cia. E outra, M. Saad & Cia, na esquina da 25 com a Ladeira Porto Geral. Possuía outras propriedades, para aumentar o patrimônio e receber aluguéis.

CARTA: Seu pai fez grande fortuna?

SÉRGIO: Sim. Nos anos 1950, havia um governador no Paraná, Moisés Lupion, que fez grandes investimentos no estado, colocou terras à venda a preços muito baratos, para plantações de café, e meu pai comprou uma fazenda de 1.200 alqueires, plantando 500 mil pés de café. Em 1954 houve um grande incêndio na fronteira do Paraguai que queimou todo o norte do Paraná e incendiou toda a fazenda do papai. Vieram homens da Suécia para apagar o fogo. Isso deixou meu pai muito desgostoso, porque na época não havia

madeira sobre o Rio Pinheiros. Só passava um carro por vez de um lado e do outro.

CARTA: Qual a sua primeira empresa?

SERGIO: Foi em 1957, eu tinha 20 anos. Morava na casa dos meus pais e, como não se vendiam muitas roupas prontas na época, montei uma pequena confecção feminina. Eu comprava os tecidos e levava para as costureiras, que faziam roupas idênticas às das fotos que eu recortava de revistas estrangeiras. Quando ficavam prontas, eu contratava uma modelo para desfilar. Imprimia 100 convites, com local e horário, que eram distribuídos por duas garotas nas portas dos grandes magazines. Vendia as roupas diretamente para os clientes que compareciam ao desfile. A segunda empresa eu abri em 1960, Fábrica de Calças Arpoador, com meu irmão Ricardo e os amigos Roberto Mahfuz e Antônio Carlos Mourão Bonetti (Cacau). Fabricávamos calças masculinas em Tergal da Rhodia e Nycron, da Sudamtex, e algumas de Linho da Calfat. Nossos clientes eram lojas famosas como Mappin, Ducal, Exposição Clipper, Cassio Muniz, Lojas Americanas, Mesbla e algumas de menor porte. A fábrica estava crescendo rapidamente quando, em 1964, teve início o chamado Governo Militar. As vendas caíram, verticalmente, a situação era de arrepia. Mas recebi um divino convite.

CARTA: Para o mesmo setor?

SERGIO: Sim. Meu amigo Paulo Vanzolini - cientista, pesquisador e também um grande compositor, autor de sucessos como "Volta Por Cima" e "Ronda" - me convidou para ir a um bar noturno, que eu frequentava quando solteiro. Sentei-me ao lado de outro convidado e começamos a conversar. Ele me contou que era sócio da Magaldi & Maia, que administrava a carreira artística da cantora Elis Regina e de muitos outros artistas famosos. Eles iriam lançar um líder de juventude no Brasil, chamado Roberto Carlos, que levava o público feminino ao delírio, quando se apresentava no programa do Chacrinha. Estavam motivados pelo sucesso internacional de Elvis Presley e dos Beatles. No dia seguinte, nos

encontramos para um café e disse que via na revista americana "Life", artistas de sucesso nos Estados Unidos, Red Skelton e Bob Hope, em anúncios de marcas de ternos, calças e camisas. Disse: "Tenho uma fábrica de calças, poderíamos fazer o mesmo com o Roberto Carlos. O programa iria estrear em 90 dias, e o título seria Jovem Guarda e a música tema, "O Calhambeque". Pedi para agendar um encontro com o Roberto Carlos.

CARTA: Como era o Roberto Carlos nessa época?

SERGIO: Muito simples. Fomos almoçar na Churrascaria Dinho's Place e ele usava uma calça de algodão com dois bolsos chapados atrás, cintura baixa de cós largo e um cinto largo com medalhão na fivela. Confesso que nunca havia visto nada igual, apesar de pesquisar sempre para encontrar novidades. Ele me contou que a mãe dele havia feito aquela peça. Sabendo do título de música tema do programa, criei o nome Calça Calhambeque para o nosso produto. também criei um slogan para antes do lançamento do produto. Quem estivesse no palco da Jovem Guarda ia dizer: "Em breve todos vão andar de Calhambeque". Fechamos o negócio. Eu pedi emprestado a calça que o Roberto estava usando e fiz seis em tecidos diferentes.

CARTA: O sucesso foi imediato?

SERGIO: Do dia do lançamento em diante minha vida mudou, começou a chover com abundância na minha horta, as calças viraram moda, vendiam aos milhares, uma mina de ouro. Lançamos no Mappin e na Exposição Clipper, com a presença do Roberto e filas dando voltas na quadra. Pena que durou pouco. Em 1967 as falsificações que estavam no mercado eram muito ruins e fizeram a Calhambeque ir para o túmulo. Acabou!

CARTA: Qual foi o próximo passo?

SERGIO: Um mês depois estávamos meio perdidos sem saber bem o que fazer. Do nada, recebi a visita de um senhor chamado Nicolau Aun que havia conseguido a patente para vender jeans da marca americana Lee no Brasil. Ele veio acompanhado de



União fraterna: (no sentido horário) Maria Thereza e Sergio Saad, em primeiro plano, com o casal amigo Clarice e Abdo Nader. Nando e Jade, filho e neta de Sergio e Maria Thereza. Ricardo Saad, irmão mais novo de Sergio. Os Saad em noite de festa: Luís Fernando, Maria Thereza, Renata, Paulo Sérgio e Sergio



Família sempre em primeiro lugar: (no sentido horário) Rafaela, Sergio, Mariana, Felipe, Paulo, Vera e Renata. Sorrisos do casal Saad. Maria Thereza com a filha Renata e as netas, Mariana e Rafaela. Na infância, Tânia e Kelma com a mãe Maria Thereza

“UM PAÍS COM MAIS DE 6.000 ANOS DE CIVILIZAÇÃO É TUDO. SÓ NOS RESTA TIRAR O CHAPEU E GRITAR: ‘VIVA O LÍBANO!’”

um engenheiro têxtil e disse que precisava comprar uma fábrica em funcionamento, já havia visitado várias e, como obteve excelentes informações, veio me conhecer. E logo me perguntou: “O senhor vende?”. Numa boa, sorrindo e achando que era um “Hauei Bala Tame!” (“conversa que não leva a nada”, em árabe), respondi que se fosse em dinheiro e à vista, vendia. Quinze dias depois a fábrica era dele. Foi um alívio para mim e um achado para ele.

CARTA: O senhor já esteve no Líbano?

SERGIO: Fiquei com muito dinheiro e comecei a comprar e vender ações. Era bom e lucrativo, mas me fez ficar dois anos sem fazer nada, na maciota. Aquilo estava me aborrecendo. No início de 1970 fui jantar no Clube Monte Líbano com um amigo e, no meio da conversa, ele disse que estava abrindo uma malharia e se eu conhecia alguém que pudesse ser seu sócio. Respondi: “Conheço sim, eu”. Estava louco para voltar a trabalhar e apareceu a oportunidade. Voltei para o mercado têxtil como sócio da Fabiana Têxtil Ltda, uma malharia de máquinas circulares onde trabalhei por vinte e sete anos e teve suas atividades encerradas em 1997, contra nossa vontade.

CARTA: E a partir de 1997?

SERGIO: Comecei a trabalhar como corretor de imóveis, aproveitando as boas amizades, dentro e fora do Clube Monte Líbano, com donos de construtoras. Em 2017 passei por uma grande cirurgia cardíaca, com o doutor Adib Jatene, e parei de trabalhar em definitivo. Hoje tenho algumas ocupações como conselheiro, da Igreja Ortodoxa, da Câmara do Comércio Brasil Líbano, dos clubes Monte Líbano e Rachaia, além de diretor de patrimônio da Mão Branca.

CARTA: O senhor já esteve no Líbano?

SERGIO: Sim, em duas oportunidades. A primeira em 1963 e a segunda em 1990, durante uma excursão do Clube Monte Líbano. O Líbano de hoje não é mais o que conheci, preciso ir novamente, quando tudo estiver mais calmo por lá. Um país com mais de 6.000 anos de civilização é tudo. O amor pela família, a educação, a alimentação, a visão do mundo, da vida, com toda a fartura que nos oferece, só nos resta tirar o chapéu e gritar: “Viva o Líbano!”.

CARTA: Como é a sua relação com a comunidade hoje?

SERGIO: Muito boa. Entidades da colônia em São Paulo foram fundadas muitas. Cito algumas que conheci, convivi e convivo. A Mão Branca em 1912, Clube Sírio em 1917, Clube Homs em 1919, Clube Sírio Libanês em 1934 - hoje Clube Monte Líbano em 1942 - e Clube Rachaia em 1936.

CARTA: Quando o senhor se casou?

SERGIO: Casei com Maria Thereza Cassab Issa, filha de Cheterrim Cassab Issa e Melik Issa. Começamos a namorar em setembro de 1961 e nos casamos em 30 de abril de 1963. Ela estava com 19 e eu com 26. Entre namoro, noivado e casamento foram 52 anos juntos, repletos de amor, felicidades e alegrias. Ela era uma mulher prendada, ímpar e linda e maravilhosa. Ser pai, amigo e companheiro de meus filhos - Renata, Paulo Sergio e Luiz Fernando, com as noras Vera e Pola e o genro Sante - meus netos Mariana, Rafaela, Mariah, Jade, Felipe e Lolô; conquistar a querida amiga e companheira Andréa, ter os amigos que tenho... O que mais querer ou desejar? Ala kbeer! (“Deus é grande”, em árabe) ■

FAMÍLIA SAAD



Nicolau Saad, com a esposa Judith - ladoado por Maria Thereza e Sergio Saad - deixou para os filhos, além de excelente formação acadêmica, um legado de sabedoria ancestral

ENSINAMENTOS DO PAI

As palavras de Nicolau Saad que o filho Sergio Saad guardou para a vida

FOTO: ÁLBUM DE FAMÍLIA

- 1 Tirem a palavra "medo" do seu dicionário. Quem tem medo nunca faz, nem fará, nada.
- 2 Se desejar alguma coisa para si, você pode esperar. Desistir, nunca.
- 3 Arrependa-se por fazer, para não se frustrar por não ter feito. Pois, se não o fizer, jamais saberá o que iria acontecer.
- 4 Diga e faça o que tem que ser feito hoje. Pois, amanhã pode não haver mais tempo.
- 5 Perca tudo de tudo na vida, mas nunca perca seu nome.
- 6 Quem está bem com o próximo sempre estará bem consigo mesmo.
- 7 Aproveite com intensidade todos seus instantes e seus momentos, pois o passado é azedo e o futuro é desconhecido. O único que existe é o presente.
- 8 Nunca faça xixi na cabeça de quem está por baixo. Um dia você poderá estar por lá.
- 9 Você não deve mentir, mas não é obrigado dizer a verdade. Cale a boca.
- 10 Quem não sabe o que procura, quando encontra não sabe que achou.
- 11 Se não fizer nada diferente hoje, amanhã vai continuar tudo igual.
- 12 Não subestime os mais humildes. Eles podem nos ensinar o que não sabemos.
- 13 Nunca interrompa a pessoa que está lhe dizendo algo. Poderá ser "um tiro no pe". Saiba porque: "Um amigo disse ao outro, 'acabei de me separar'. O amigo se intrometeu dizendo, 'fez muito bem, sua mulher não valia nada. Andava com todo mundo'. E teve de ouvir, 'eu me separei do meu sócio, não da minha mulher'. Acabou com um casamento e com uma amizade em um segundo.

14 As mulheres nasceram para serem rainhas e princesas. Sempre trate-as dessa maneira e terá o eterno respeito e a boa companhia delas.

15 Se o malandro soubesse que a maior malandragem é fazer coisa certa não faria nada errado.

16 Nunca envie a carta ou mensagem que escreveu hoje. Deixe para enviar amanhã, depois de ler novamente. Você vai fazer muita modificação naquilo que escreveu ontem.

17 Faça tudo o que puder bem-feito. Em nossa vida não existe sorte, existe mérito.

18 A comida não foi feita para ser engolida, mas para ser mastigada. Aprenda a mastigar pelo menos 32 vezes antes de engolir. Seu organismo vai aplaudir.

19 Tome dois copos de água em jejum para proteger o organismo pela manhã. E dois antes de dormir para evitar infarto e derrame.

20 A grande fortuna do ser humano não é a que se guarda nos cofres, mas sim a família, os amigos que se conquistam, as portas que abrimos para nós, para os outros e as que deixamos abertas sem saber. Como nessa breve história: Uma senhora muito rica entrava em um restaurante de luxo e deparou com um menino pedindo comida e sendo enxotado pelo porteiro. Ela pegou na mão do menino e avisou o porteiro, "ele vai almoçar comigo". Durante a refeição perguntou onde ele estudava e o garoto respondeu que seus pais não tinham condições para mandá-lo para a escola. No final do almoço ela lhe deu um cartão e um endereço. Disse: "Chegando lá diga que fui eu quem mandei e eles pagarão os seus estudos". Passados 20 anos a mulher havia perdido toda a sua fortuna e precisava de um tratamento médico. Quando lhe apresentaram a conta, pediu para falar com o médico. Disse a ele que não tinha como pagar. Reconhecendo-a, o médico falou: "A senhora, não vai pagar nada. Já me pagou há vinte anos com um almoço. Quem lhe deve sou eu". ■



EM MEMÓRIA DA ESPOSA E UMA HOMENAGEM ÀS MULHERES

As lições de amor, companheirismo, admiração e felicidade aprendidas no casamento

Companheira de vida: Durante mais de 50 anos, Maria Thereza Kassab Issa e Sergio Saad viveram uma história de amor. Dedicaram-se um ao outro e criaram uma bela família

FOTO: ÁLBUM DE FAMÍLIA

FAMÍLIA SAAD

Maria Thereza Kassab Issa e Sergio Saad foram casados por 52 anos. Ela partiu cedo, em 2013, aos 69 anos, deixando marido e três filhos desolados. Para ela, Sergio escreveu uma elegia, "Nossa Caravela":

"Parado parado nas areias da praia respirando a deliciosa brisa manhã, vejo uma caravela abrindo suas velas brancas e lançando-se pelas águas azuis do oceano.

Ela é de grande beleza e transmite muita força

Fico olhando até que Ela se torne apenas um ponto branco, lá no horizonte... Onde o mar e o céu se encontram.

Nesse momento alguém ao meu lado diz: 'Pronto! Ela se foi'. 'Foi para onde?', pergunto.

Foi-se da minha vista, apenas isso, pois Ela continua sendo tão bela e tão imponente quanto era quando estava ao meu lado e ainda tão forte e capaz de transportar sua grandiosidade até seu novo destino.

Seu tamanho diminuto está em mim, não Nela e, naquele momento em que alguém disse: 'Pronto! Ela se foi', outros olhos a veem chegando e outras vozes se preparam para clamar com ênfase e alegria:

"Olhem, lá vem Ela!

Morrer é assim...

Uma viagem de um porto para outro."

Mais tarde, em trecho de um discurso de Natal, como presidente do Rachaia Clube do Brasil, Sergio Saad estendeu a homenagem que fez à memória de sua querida Maria Thereza em uma mensagem para todas as mulheres, sob o título "A Verdadeira Verdade Sobre a Mulher"

1. Elas geram, criam e educam os filhos dando continuidade ao gênero humano.

2. São eternas flores que enfeitam, que perfumam e que embelezam os dias e os caminhos.

3. Usam de suas sensibilidades chamadas de sexto sentido, indicando o norte da bússolas que orientam os rumos e guiam as caminhadas.

4. São as musas inspiradoras, 'eu que o diga', comumente exaltadas como personagens principais

em versos, poesias e músicas, são amadas de todas as formas e maneiras, nos fazem sentir todas as emoções e sensações possíveis e impossíveis, existentes e inexistentes. São sinônimo de 'vida' na essência da palavra, por milhões de motivos e razões fáceis de exemplificar. Como pensar ou falar em amar, odiar, sorrir, chorar, brigar, afagar e outros milhares de versos existentes em qualquer dicionário, sem que elas se façam presentes?

5. São constantemente cultuadas e para muitos são personagens verdadeiras nos papéis de fadas, princesas, rainhas e deusas. Estão constante e permanentemente em todos os átomos de nossas existências, como mulher avó, mulher mãe, mulher esposa, mulher irmã, mulher filha, mulher amiga, mulher mulher. São o equilíbrio e a estabilidade, a coluna vertebral do nosso mundo. Abençoadas sejam todas vocês. Muito obrigado por existirem e por tudo que nos dão e oferecem. Somos gratos por termos vocês e mais gratos ainda a Deus por tê-las criado.

6. Vou plagiar Osório Duque Estrada em uma frase do Hino Nacional brasileiro, de sua autoria, que diz: 'Gigante pela própria natureza'. Colocando-a no plural e repeti-la em seguida a quem lhe é de direito, a vocês mulheres, que são as reais 'gigantes pela própria natureza'. ■

“Ela continua sendo tão bela e tão imponente quanto era quando estava ao meu lado e ainda tão forte e capaz de transportar sua grandiosidade”

O LAR LIBANÊS DISTANTE DO LIBANO

Mais uma vez Sergio Saad recorre à memória para falar da iniciativa de um grupo que procurou recriar em São Paulo um pedacinho da pátria mãe

Tudo começou com um grupo de imigrantes libaneses cujo sonho era recriar no Brasil, particularmente na capital paulista, um pouco da atmosfera pacífica e agradável da sua cidade natal, a pequena Rachaia al- Wadi.

Esses apaixonados pela pátria mãe, considerada um "santuário milenar do mundo" eram: Felipe Daud, Felix Zauhir, Nicolau Jabra, Tufic e Manoel Daud.

Assim nasceu o Rachaia Clube do Brasil, fundado em 26 de julho de 1936. A princípio, as reuniões ocorriam em bancos de praça que havia na avenida São João em frente ao histórico Edifício Martinelli, marco da arquitetura paulistana, inaugurado em

FOTOS: ARQUIVO CLUBE RACHAIA



Quase 90 anos de história: O primeiro piquenique dos associados do Clube Rachaia, em Santos, em 1936, ano em que a agremiação foi fundada

1929. "Um dia", conta o empresário Sergio Saad, "caiu uma chuva e o grupo entrou no prédio para se abrigar". Segundo ele, os rapazes gostaram tanto do Martinelli que decidiram alugar uma sala para fazer ali a primeira sede da nova agremiação.

Algumas reuniões foram realizadas também na Igreja Ortodoxa, na rua Itoby (atual Cavaleiro Basílio Jafet) e, mais tarde, na residência de Felipe Daud, na Avenida Paulista. A primeira sede própria foi instalada em um imóvel adquirido na Avenida Rodrigues Alves, 352, sendo seu idealizador Jorge Mussa Assaly.

Desde 1980 o Rachaia Clube se encontra na Rua Tangará, 349. Saad - sócio desde 1974 e onze vezes presidente - faz questão de lembrar que a instituição sempre recebeu grandes eventos, de suntuosas comemorações de casamentos até importantes montagens teatrais, grandes noites de Réveillon e bailes de Carnaval. Em seu auge, o Rachaia chegou a contar com 300 famílias como sócios.

"Por volta de 1985, tínhamos um associado na diretoria que teve a ideia de unir três pequenos clubes: Rachaia, Hasbaia e Marjeyoun, sob o nome Clube do Vale, em referência ao Vale dos Cedros", conta. Para a colônia, seria uma alternativa mais em conta ao Clube Monte Líbano. "Encontramos um imóvel na Avenida Quarto Centenário, íamos trocar as sedes dos três clubes pelo terreno e construir ali o novo clube", diz. Depois de muito trabalho para conseguir reunir as lideranças das três instituições, aconteceu o encontro para decidir quem iria dirigir a nova casa.

Ficou estabelecido que elegeriam o presidente do conselho através de um sorteio, com os nomes colocados em uma urna e sorteado pela esposa do presidente do Rachaia. Porém, o presidente do Hasbaia ponderou que eles deveriam presidir o conselho pois tinham o maior número de sócios. Todos concordaram. Rachaia e Marjeyoun então decidiram quem iria presidir a diretoria. Entretanto, o representante do Hasbaia protestou, pelo mesmo motivo de possuírem o dobro de sócios dos outros dois. Houve uma discussão acalorada, os ânimos se exaltaram, foram ouvidos muitos palavrões e acabaram rasgando todos os documentos. "Ainda

bem que o negócio não foi pra frente porque do contrário iam todos se matar lá dentro", diverte-se Saad. "Um trabalho de três anos foi jogado no lixo".

Ainda segundo Saad, a ideia inicial do Rachaia, além da evocação da terra natal, era a de criar um ambiente propício para se fazer negócios e casamentos. "Nós éramos um clubinho", diz ele. "Mas quando decidimos nos unir mesmos, fizemos o Monte Líbano. E aí, a anedota que corria era: 'Por que não nos unimos mais ainda para comprar o País?'".

Outro episódio contado por Saad, que também tem a ver com o Rachaia, data dos anos 1980, quando a colônia se mobilizou para a construção do atual prédio do Hospital Sírio Libanês. Mais uma vez ele se diverte: "Havia cerca de oito grupos de empresários incumbidos de levantar o capital necessário para a obra. Nós praticamente saímos passado o chapéu. Do meu grupo também fazia parte o Roberto Duailibi que, como bom publicitário, sugeriu que eu gravasse um disco com os casos e anedotas dos patrícios que eu sempre gostei de contar. Uma delas era sobre o senhor Nassib Mahfuz, que toda vez que atendia o telefone dizia, 'um momentinho, vou colocar meus óculos para te ouvir melhor'. A gravação foi um grande sucesso e rendeu uma boa colaboração para as obras do hospital.

A ideia inicial do Rachaia Clube, além da evocação da terra natal, era a de criar um ambiente propício para se fazer negócios e casamentos



Quase um século de mandatários do clube

ANO/PRESIDENTE/VICE

1936 ALEXANDRE DAVID/FARID KYRIAKOS
 1937 ALEXANDRE DAVID/FELIX ZUHEIR
 1938 NICOLAU JABRA/FARID KYRIAKOS
 1939 SALIM DAUD/FARID KYRIAKOS
 1940 NAMEM PATAH/TAUFIC DAUD
 1941 NAMEM PATAH/TAUFIC DAUD
 1942 NAMEM PATAH/FELIX ZUHEIR
 1943 SALIM GABRIEL/ISSA SALIM ASSALY
 1944 TAUFIC DAUD/ISSA SALIM ASSALY
 1945 JORGE MUSSA ASSALY/TAUFIC DAUD
 1946 SALIM GABRIEL/EDMO DAUD
 1947 FELIX S. DAUD/JORGE PATAH
 1948 JOSE SAAD/MARIO DAUD
 1949 JOSE SAAD/FELIX S. DAUD
 1950 JOSE SAAD/OSWALDO PATAH
 1951 NASSIB MOFARREJ/ALFREDO TOMÉ
 1952 FELIX S. DAUD/OSWALDO PATAH
 1953 JOSE SAAD/NASSIB MOFARREJ
 1954 JORGE MUSSA ASSALY/NASSIB MOFARREJ
 1955 NASSIB MOFARREJ/KYRIAKOS SAAD
 1956 JOSE SAAD/OSWALDO PATAH
 1957 NAMEM PATAH/JAMIL RAHAL
 1958 KYRIAKOS SAAD/WILLIAM DAUD
 1959 NASSIB MOFARREJ/MARIO DAUD
 1960 ISSA A. SAAD /JORGE PATAH
 1961 WADIH E. CURY/MARIO DAUD
 1962 ADIB DAUD/JORGE PATAH
 1963 ADIB DAUD/JORGE PATAH
 1964 JOSE CURY/NASSIB MOFARREJ
 1965 WILLIAM DAUD/WADIH E. CURY
 1966 WILLIAM DAUD/WADIH E. CURY
 1967 WADIH E. CURY/ISSA A. SAAD
 1968 ANTONIO JAIME SAICALI/ ROBERTO PATAH
 1969 OSWALDO PATAH/WILLIAM DAUD
 1970 WILLIAM DAUD MUSSA/SALIM ASSALY
 1971 KARIM EID MANSOUR/ADIB THOMÉ
 1972 WILLIAM DAUD/JORGE T. MALULI
 1973 WILLIAM DAUD/ANUAR GUBEISSI
 1974 ADIB THOMÉ/JORGE T. MALULI
 1975 NAGIB MALUF/JOSE CURY
 1976 NAGIB MALUF/JOSE CURY
 1977 KARIM EID MANSOUR/JORGE T. MALULI
 1978 KARIM EID MANSOUR/JOSE CURY

1979 GEORGES T. SAAD/JORGE T. MALULI
 1980 GEORGES T. SAAD/JORGE T. MALULI
 1981 NAGIB TAUFİ MALUF/JOSEPH G. JAZZAR
 1982 JORGE T. MAALOULI/JORGE PATAH
 1983 JORGE T. MAALOULI/JORGE PATAH
 1984 NAGIB T. MALUF/JOSÉ CURY
 1985 GEORGES T. SAAD/JORGE T. MALULI
 1986 GEORGES T. SAAD/JORGE T. MALULI
 1987 SERGIO E. SAAD/WADIM E. CURY
 1988 SERGIO E. SAAD/WADIM E. CURY
 1989 RIAD GHATTAS CURY/NAGIB T. MALOULI
 1990 RIAD GHATTAS CURY/NAGIB T. MALOULI
 1991 RIAD GHATTAS CURY/NAGIB T. MALOULI
 1992 SERGIO E. SAAD/NAGIB T. MALOULI
 1993 SERGIO E. SAAD/NAGIB T. MALOULI
 1994 SERGIO E. SAAD/NAGIB T. MALOULI
 1995 JOSEPH JAZZAR/ADIB THOMÉ
 1996 JOSEPH JAZZAR/ADIB THOMÉ
 1997 ADIB THOMÉ/JOSEPH JAZZAR
 1998 ADIB THOMÉ/JOSEPH JAZZAR
 1999 ISSA T. MAALOULI/SERGIO E. SAAD
 2000 ISSA T. MAALOULI/SERGIO E. SAAD
 2001 JOSEPH JAZZAR/ISSA T. MAALOULI
 2002 JOSEPH JAZZAR/ISSA T. MAALOULI
 2003 ISSA T. MAALOULI/JOSEPH JAZZAR
 2004 ISSA T. MAALOULI/JOSPEPH JAZZAR
 2005 SERGIO E. SAAD/JOSEPH JAZZAR
 2006 SERGIO E. SAAD/JOSEPH JAZZAR
 2007 EDUARDO PATAH/ISSA T. MAALOULI
 2008 EDUARDO PATAH/ISSA T. MAALOULI
 2009 ADIB THOMÉ/SERGIO E. SAAD
 2010 ADIB THOMÉ/SERGIO E. SAAD
 2011 SERGIO E. SAAD/ISSA T. MAALOULI
 2012 SERGIO E. SAAD/ISSA T. MAALOULI
 2013 SERGIO E. SAAD/ISSA T. MAALOULI
 2014 SERGIO E. SAAD/ISSA T. MAALOULI
 2015 REINALDO BATAH/WILLIAM DAUD
 2016 REINALDO BATAH/WILLIAM DAUD
 2017 REINALDO BATAH/WILLIAM DAUD
 2018 REINALDO BATAH/WILLIAM DAUD
 2019 WILLIAM DAUD/REINALDO BATAH
 2020 WILLIAM MDAUD/REINALDO BATAH
 2021 WILLIAM DAUD/REINALDO BATAH
 2023 REINALDO BATAH/SERGIO EDUARDO SAAD ■



Momento solene:
Na década de 1970,
a diretoria do clube
teve a honra de
receber o patriarca
Elias IV de Antioquia,
dom Ignácio Ferzuli,
acompanhado pelo
bispo maronita
no Brasil, dom
Youhanna Chedid



Ação entre amigos:
Retrato oficial
da diretoria do
Clube Rachaia. Os
rapazes iniciaram
a instituição se
reunindo nos
bancos da av. São
João, em São Paulo

ENCONTRO REFORÇA UNIÃO ESTADO E MUNICÍPIO EM JAGUARIÚNA

Tarcísio de Freitas e Gustavo Reis
cumprem intensa agenda e se
encontram com lideranças e população
da Região Metropolitana de Campinas

No último dia 21 de setembro, o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, esteve em Jaguariúna para cumprir uma série de compromissos na cidade. Ele foi recebido pelo prefeito Gustavo Reis, que também preside o Conselho de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Campinas (RMC). A visita reforçou a parceria entre o governo estadual e a administração municipal, abrangendo ações nas áreas de educação, solidariedade e cultura.

O dia começou com a inauguração do Centro de Educação Infantil (CEI) Professora Narciza Bertinatti Barbosa, localizado no Parque dos Ipês. A nova unidade escolar, resultado de investimentos municipais e estaduais, oferece 110 vagas para crianças entre 0 e 3 anos.

Durante a cerimônia, o governador destacou a importância de ampliar o acesso à educação infantil. "Cada nova vaga criada é um passo para garantir o futuro das nossas crianças e apoiar as famílias trabalhadoras", afirmou Tarcísio. Já o prefeito Gustavo Reis celebrou a entrega como mais uma conquista para a população do município. "Estamos investindo no que há de mais importante: a base para o desenvolvimento das próximas gerações", disse.

Após a inauguração, o governador compareceu a um evento de cunho social e de lazer: uma partida de futebol solidário que reuniu grandes craques do futebol brasileiro em prol do Lar Feliz. A instituição local presta assistência a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. O jogo atraiu moradores e torcedores, reforçando o espírito de solidariedade e engajamento comunitário.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Estado e Município, compromisso com a população: O prefeito Gustavo Reis recebe o governador Tarcísio de Freitas cumprindo uma agenda nas áreas de educação, solidariedade e cultura

Ao longo do dia, o prefeito ofereceu ao governador um almoço e um jantar, que contaram com a presença de lideranças empresariais da região. Os encontros foram marcados por conversas sobre desenvolvimento econômico e oportunidades de novos investimentos em Jaguariúna e na Região Metropolitana de Campinas.

Encerrando a agenda, governador e prefeito participaram da abertura do Jaguariúna Rodeo Festival, um dos maiores eventos do gênero no Brasil. Tarcísio de Freitas foi recebido com entusiasmo pelo público presente. O evento, que combina música sertaneja e tradições do rodeio, atrai milhares de pessoas anualmente, gerando impacto positivo no turismo e na economia local.

A visita do governador Tarcísio de Freitas a Jaguariúna foi marcada por ações significativas e reforçou a parceria com a gestão de Gustavo Reis. "A presença do governador em nossa cidade demonstra o comprometimento com as demandas da nossa população e com o desenvolvimento da região como um todo", concluiu o prefeito. ■



Conversas sobre desenvolvimento econômicos e novas oportunidades em Jaguariúna, Campinas e região

LUANA POCAY

“A SOLIDARIEDADE É UMA RESPONSABILIDADE COLETIVA”

Paulistana, formada em Direito e primeira-dama da cidade de Ourinhos, Luana Pocay quer fazer a diferença, na política e na sociedade, com a certeza que atitudes simples podem gerar o extraordinário

Aos 37 anos, Luana Pocay vive um momento de intensa atividade. Casada com Lucas Pocay, prefeito de Ourinhos - no interior paulista - ela se engajou no posto de primeira-dama em tempo integral. Além de presidente do Fundo Social de Solidariedade do município, também assumiu a presidência da Associação das Primeiras-Damas do Estado de São Paulo e tomou a frente de vários programas sociais, sobretudo os que impactam a população carente em situação de vulnerabilidade.

Seu trabalho tem tido visibilidade em outras regiões do país e recebeu o apoio de Cristiane Freitas, primeira-dama do Estado de São Paulo; Lu Alckmin, mulher do vice-presidente da República;

“O maior desafio é atender as demandas da população mais vulnerável com recursos muitas vezes limitados”

FOTOS: DIVULGAÇÃO



A vez das primeiras-damas: Jovem e determinada, a mulher do prefeito Lucas Pocay, também preside a Associação das Primeiras-Damas do Estado de São Paulo

“Nossa meta é que os projetos gerem impactos duradouros e não sejam meramente assistencialistas”

e de Ana Estela Haddad, mulher do ministro da Fazenda, Fernando Haddad.

E, o mais importante: é mãe de Noah, Zion e Domy.

CARTA DO LÍBANO: Quais os principais pontos abordados pela Associação das Primeiras-Damas do Estado de São Paulo?

LUANA POCAY: O lema da APDESP é mostrar que atitudes simples geram coisas extraordinárias. Trabalhamos com alguns pilares, como o fortalecimento do voluntariado, a implementação de políticas públicas voltadas para ações sociais com mulheres, crianças e idosos, além de projetos que fomentem geração de renda e inclusão social. Também incentivamos a capacitação das primeiras-damas, proporcionando ferramentas para que elas possam promover ações transformadoras em seus municípios.

CARTA: Quais as metas para a sua gestão na Associação?

LUANA: Ampliar o alcance dos projetos de geração de renda em todo o estado, implementar parcerias público-privadas para potencializar ações sociais e criar uma rede de troca de experiências entre as primeiras-damas. E desejo promover capacitações contínuas para fortalecer o papel de liderança de cada uma delas.

CARTA: A senhora também preside o Fundo Social de Solidariedade de Ourinhos. Quais os principais desafios dessa organização?

LUANA: O maior desafio é atender as demandas crescentes da população mais vulnerável com recursos muitas vezes limitados. Também buscamos inovar constantemente para atrair doações e engajar a comunidade, mostrando que a solidariedade é uma responsabilidade coletiva. Nossa meta é trabalhar para que os projetos gerem impacto duradouro e não sejam meramente assistencialistas.

CARTA: Como a senhora vê o ano de 2025 nos dois cargos que ocupa?

LUANA: Enxergo 2025 como um ano de grandes oportunidades. Espero consolidar os projetos já iniciados e expandi-los a fim de alcançar ainda mais pessoas. Também encaro como um período de fortalecimento de parcerias estratégicas e criação de programas, dentro das causas sociais, que conectem tecnologia e inovação.

CARTA: Para a senhora, o que significa a posição de primeira-dama? O que a sociedade espera dela e o que ela deve entregar para a população?

LUANA: Ser primeira-dama é uma oportunidade para liderar iniciativas sociais e estabelecer uma ponte entre o governo e a comunidade. A sociedade espera que a primeira-dama seja atuante, que escute as demandas reais da população e esteja à frente de ações concretas. Para mim, entregar resultados significa impactar vidas, promover dignidade e esperança para quem mais precisa.

CARTA: Como a senhora vê a atuação feminina na política brasileira atualmente?

LUANA: Está crescendo, mas ainda enfrentamos muitos desafios, como preconceitos e a necessidade de conciliar múltiplos papéis. No entanto, as mulheres têm mostrado competência e sensibilidade em mudanças significativas. É crucial incentivarmos mais mulheres a ocuparem espaços de poder e decisão.



Um ano de oportunidades:
Luana Pocay espera atingir ainda mais pessoas com ações sociais em 2025

“Admiro o que fez Ruth Cardoso, transformando o papel da primeira-dama ao criar o Programa Comunidade Solidária”

GASTRONOMIA

FERNANDA YOUSSEF
KUCZYNSKI PULGACI

“COZINHAR É CONTAR HISTÓRIAS E CONECTAR PESSOAS”

Do Direito para os 1001 sabores: Ela cresceu vendo os pais criarem um sucesso da gastronomia paulistana. Formou-se advogada, mas a vocação familiar falou mais alto

FOTOS: ERNESTO EILERS

À frente de um dos restaurantes libaneses mais queridos dos paulistanos, Fernanda Pulgaci fala de tradição, inovação e do que aprendeu com os pais, criadores de um clássico da gastronomia em SP

O sabor da casa:
Nascido há 25 anos,
o Buffet Arábia
acompanha o
padrão de qualidade
do conceituado
restaurante dos
Jardins. Hoje, Fernanda
Pulgaci dirige a marca

O restaurante Arábia abriu suas portas em 1987, na nobre região paulistana dos Jardins, em São Paulo. A princípio era uma agradável rotisserie com poucas mesas, mas servindo muitas delícias da culinária libanesa. Rapidamente o estabelecimento do casal Leila Youssef e Sergio Kuczynski conquistou a vizinhança, cresceu, apareceu e virou um restaurante com a medida certa de irresistível gastronomia, atendimento impecável e ambiente acolhedor. Um genuíno representante da hospitalidade árabe.

Fernanda Youssef Kuczynski Pulgaci, filha dos proprietários, cresceu vendo os pais dirigindo um verdadeiro sucesso do roteiro dos principais restaurantes de São Paulo. Formada em Direito, ela exerceu por pouco tempo a advocacia e, a partir de 2012, passou a trabalhar em família. Hoje comanda o restaurante e o Buffet Arábia, criado há 25 anos. É sobre isso que ela falou à Carta do Líbano.





CARTA DO LÍBANO: O restaurante Arábia é um clássico da gastronomia paulistana. Como é possível seguir a tradição e, ao mesmo tempo, inovar para manter o prestígio de uma marca?

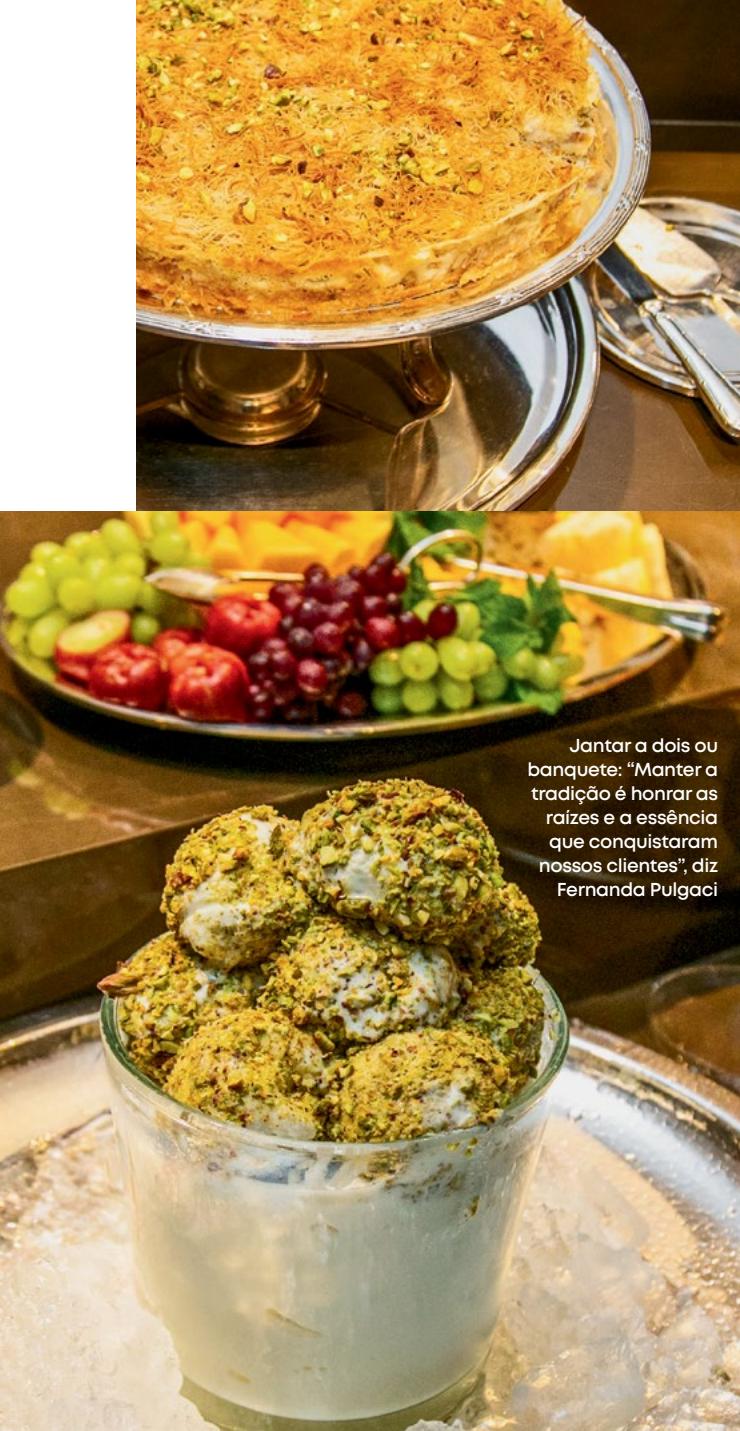
FERNANDA PULGACI: Manter a tradição é honrar as raízes e a essência que conquistaram nossos clientes ao longo dos anos, garantindo a autenticidade dos sabores e da experiência. Ao mesmo tempo, inovar é fundamental para acompanhar as mudanças nos paladares, nos hábitos de consumo e nas tendências do mercado. Buscamos esse equilíbrio ao introduzir releituras de pratos clássicos, explorar ingredientes sazonais e investir em sustentabilidade, sem jamais comprometer a essência da cozinha árabe que define o Arábia. Nossa missão é continuar sendo referência, mas também surpreender, sempre com qualidade e paixão.

CARTA: A senhora sempre quis trabalhar nos negócios da família?

FERNANDA: Sou advogada e exercei a profissão por um curto período. Começar a trabalhar no Arábia foi circunstancial, mas acabou se tornando uma paixão para mim.



Ancestralidade: Do simples, e delicioso, kibe cru às mais elaboradas receitas. A cozinha libanesa traduz no paladar uma civilização de milênios



Jantar a dois ou banquete: "Manter a tradição é honrar as raízes e a essência que conquistaram nossos clientes", diz Fernanda Pulgaci



"Nossa missão é continuar sendo referência, mas também surpreender, sempre com qualidade e paixão"

CARTA: O que torna a gastronomia libanesa tão especial?

FERNANDA: Ela é especial porque combina tradição, diversidade e frescor, com ingredientes naturais e equilibrados. Além dos sabores únicos, a prática de compartilhar refeições transforma a comida em uma experiência de hospitalidade e conexão humana.

CARTA: Qual a grande lição aprendida com seus pais?

FERNANDA: Meus pais me ensinaram que administrar um restaurante vai muito além da comida. É sobre criar uma experiência acolhedora,

"O que mais me fascina no Líbano é como o país une história milenar e modernidade de forma tão vibrante"

transmitir cultura e valores, e tratar cada cliente como um convidado especial. Com meu pai, aprendi a importância da disciplina, da organização e de entender cada detalhe do negócio. Já com minha mãe, que sempre colocou amor em cada prato, entendi que cozinhar é uma forma de contar histórias e conectar pessoas. Esses aprendizados guiam tudo o que faço hoje.

CARTA: Já esteve no Líbano? E qual a principal característica da cultura libanesa - além da culinária, claro - que mais a fascina?

FERNANDA: Nunca estive, infelizmente, mas pretendo ir. O que mais me fascina no Líbano é como o país une história milenar e modernidade de forma tão vibrante. É um país conhecido por sua hospitalidade, sua rica cultura e a diversidade de paisagens, desde as montanhas até o mar. Mesmo sem ter visitado, sinto que o Líbano é um lugar onde as tradições se encontram com um espírito contemporâneo, refletindo um povo resiliente e apaixonado pela sua identidade.

CARTA: Qual o seu prato favorito da culinária árabe?

FERNANDA: É difícil escolher porque a variedade é um dos grandes diferenciais da culinária libanesa. Mas diria que é a esfiha, sem dúvida. Além dos michuis e o ataif de nata. ■

TURISMO

CIDADÃ DO MUNDO



Do Oriente à la dolce vita:
Ana Cristina explorando Siem
Reap, no Camboja. Porta
de entrada para as ruínas
de Angkor, sede do antigo
reino de Khmer. (na página
ao lado) Emoldurada pela
paisagem deslumbrante da
Costa Amalfitana, na Itália

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Expert em criar roteiros de viagem surpreendentes e exclusivos, no Brasil e no exterior, a empresária Ana Cristina Villaça não conhece fronteiras. Nem para os destinos sugeridos a uma clientela super VIP, nem para o sucesso nos negócios





"Sempre teremos Paris": Pelos boulevards da capital francesa em dia de outono e no instantâneo clássico aos pés da Torre Eiffel



“Enviar um programa de snowboard para um senhor de 80 anos é contraproducente, um marketing negativo”

“Enviar um programa de snowboard para um senhor de 80 anos é contraproducente, um marketing negativo”

Para mudar esse cenário, o primeiro passo foi criar um mailing selecionado no qual cada cliente não fosse tratado apenas como um turista a mais, e sim como um viajante exigente, recebendo somente informações de seu interesse e sugestões instigantes e aspiracionais. “Enviar um programa de snowboard para um senhor de 80 anos ou informações sobre um cruzeiro focado em wine experience para um adolescente é contraproducente, um marketing negativo. Nossa proposta é conhecer muito bem o cliente e o produto para fazer sugestões compatíveis que vão ao encontro do que ele busca”, explica Ana Cristina. Assim nasceu a Fórmula Turismo, agência que hoje é referência no país.

Botsuana, na África; deserto do Atacama, Chile; Dubai, a capital dos Emirados Árabes; a temporada americana de esqui em Aspen... O mundo é uma aventura excitante e uma experiência única para os clientes da empresária Ana Cristina Villaça. Especializada no segmento do turismo de alto padrão, ela foi uma pioneira do setor: “Fundei minha empresa, em setembro de 1987, com o objetivo de criar uma Luxury Boutique Travel Agency. O foco eram as viagens de alto padrão com atendimento personalizado, um propósito ao qual somos fiéis até hoje”, define.

Tudo começou quando o faro e a sensibilidade empresarial de Ana Cristina sinalizaram que viajar pela Europa durante 30 dias, visitando 30 cidades, com rápidas pinceladas nas atrações mais óbvias, visitar canteiros de jardins e olhar de relance os grandes museus faziam parte de um modelo antigo de turismo, uma visão ultrapassada. Além dos clientes não mais se sentirem atraídos, eles mereciam algo mais emocionante de acordo com o perfil e a expectativa de cada um.

Hiver à la classe: Devidamente paramentada para um séjour na elegante estação francesa de esqui de Courchevel



Ana chegou ao Rio de Janeiro, em 1982, e se considera carioca de coração, embora suas origens venham de Minas e Bahia com uma passagem pelo Rio Grande do Sul. “Comecei a trabalhar no setor turístico aos 18 anos no Rio, a convite de um primo recém-chegado da Bahia. Bastou começar para me envolver totalmente com o métier”, conta. Sua primeira escola nos negócios do turismo foi a Kontik Franstur, empresa de propriedade do Grupo Econômico, na época a maior agência do Brasil, concentrando o que havia de melhor em produtos e profissionais.

Munida dos ensinamentos adquiridos com especialistas em turismo, Ana Cristina manteve a dinâmica e o foco de sua empresa frequentando os melhores eventos internacionais de agentes de turismo em busca de novidades, aperfeiçoamento e, o mais importante, fornecedores locais capazes de atender com excelência às demandas dos clientes e os programas criados e propostos pela Formula.

Prêmios e reconhecimentos não faltaram nessa trajetória profissional. A empresa conheceu o



“Sinto-me gratificada por ter iniciado um modelo de empresa hoje apreciado e adotado pelo mercado”

com qualidade e inovação. Segundo ela, a receita é estar sempre envolvida com novos projetos. “Minha família já se acostumou que meu trabalho e minha vida pessoal são uma só”, assume. “Em uma caminhada não muito fácil, o saldo tem sido positivo e me sinto gratificada por ter iniciado um modelo de empresa que hoje é apreciado, valorizado e adotado pelo mercado nos últimos anos”, declara sem falsa modéstia.

Paralelamente aos negócios do turismo, há nove anos Ana Cristina participou da organização civil e filantrópica Meninos de Luz, voltada para a educação integral, cultura, esportes, apoio à profissionalização, cuidados básicos de saúde e de assistência social para famílias com maior nível de desestruturação nas comunidades do Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, no Rio.

A propósito, a empresária também tem o projeto pessoal de uma viagem dos sonhos: conhecer o Líbano, terra de seus ancestrais que vieram de Mtein, distrito de Metn, no Monte Líbano. “Estava com a viagem marcada para outubro passado, porém por motivos políticos precisei cancelar, ou melhor adiar”, ressalva.

Mesmo sem conhecer a Terra dos Cedros, ela se sente totalmente conectada às suas raízes árabes. “Desde criança, mesmo sem saber, essa ligação era muito presente. Gosto da comida libanesa, da mesa farta, dos tecidos, da maquiagem, das joias, da música. Lembro de meu avô comentando que eu era ‘uma verdadeira libanesinha’, recorda carinhosamente. ■

maior crescimento do setor no Brasil em 2018. No ano seguinte, recebeu a Medalha do Turismo francês, que se juntou à Commanderie des Côtes du Rhône - conquistada em 2012 - e a medalha da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, em 2002. Nesse mesmo ano aconteceu a grande festa de 15 anos da agência, comemorados com toda a pompa nos salões do hotel Copacabana Palace.

Como a maioria dos empresários, o maior desafio de Ana Cristina é manter o negócio no topo

SERVIÇO
Formula Turismo
Telefone: (21) 2509-4614
www.formulaturismo.com.br

Doe e realize um
feliz
na
tal
para nossas crianças.

Todos os anos realizamos uma linda Festa de Natal para as crianças atendidas pelo Lar Sírio Pró-Infância. Com a sua doação garantiremos que todas elas ganhem presentes e guardem essa lembrança para toda a vida.

Acesse o QR Code ou o site larsirio.org.br/natal para saber mais e participar dessa boa ação especial.



www.larsirio.org.br



REENCONTRO

UMA VISITA MUITO ESPECIAL

No Paraná, o casal Manuela e Georges Touma se emociona ao reencontrar o arcebispo Youssef Soueif. O mesmo que celebrou seu casamento, há mais de 24 anos, no Líbano

Com um almoço em sua residência, em Londrina, o empresário Georges Touma e sua mulher, Manuela, receberam o cônsul-geral do Líbano em São Paulo, Rudy el-Azzi, o arcebispo maronita de Trípoli, monsenhor

Youssef Soueif, e dom Edgard Madi, eparca maronita do Brasil. Os prelados estavam acompanhados pelo empresário Elie Hakme e pelo executivo Antônio Badih Chahin. Uma ocasião muito especial, pois foi o monsenhor Soueif quem celebrou a cerimônia de casamento dos anfitriões em Trípoli, no Líbano, em dezembro de 2000.

O empresário Georges chegou ao Brasil em 24

de outubro de 1991, e aqui encontrou o amor e a oportunidade. Formado em Engenharia Civil e Cálculo Estrutural na Itália, iniciou sua jornada em Londrina, Paraná, na área administrativa e financeira. Em junho de 1999 passou a administrar sua própria empresa, a GMT, na área de confecção. Hoje, comanda uma equipe de 120 colaboradores diretos e mais 1.500 indiretos.

Depois do sucesso obtido no setor de confecção, Georges diversificou as atividades passando a atuar em vários negócios. Sua meta no trabalho é baseada na coragem em enfrentar desafios, na perseverança e no profissionalismo. "Sem coragem, não se chega a lugar algum", ensina o bem-sucedido homem de negócios. ■

FOTOS: DIVULGAÇÃO



As honras da casa: Os anfitriões, Georges Touma e Manuela, ladeados por dom Edgard Madi e pelo arcebispo Youssef Soueif



Cenas de um casamento: Arcebispo Soueif, casal Touma e as lembranças 24 anos atrás



Maurice Touma, Georges Touma, Antônio Badih Chahin, o cônsul-geral Rudy el-Azzi, dom Edgard Madi, dom Youssef Soueif e Elie Hakme

MISSA



MISSA PELA PAZ NO LÍBANO

A celebração religiosa no Dia da Independência do Líbano, em São Paulo, e o texto pacifista de um escritor refletem o grande anseio de todos

FOTOS: ERNESTO EILERS



22 de novembro marca o Dia da Independência do Líbano que, em 2024, completou 81 anos. Na capital paulista, a data foi celebrada com Santa Missa rezada por dom Edgard Madi, eparca maronita do Brasil, na Catedral Maronita Nossa Senhora do Líbano. A celebração foi sobretudo em nome da paz no Líbano e na região do Oriente Médio. Presentes na cerimônia estavam dom Joseph Soueif, arcebispo de Trípoli e presidente da Comissão Patriarcal de Liturgia, além do clero local. Também marcaram presença Rudy al-Azzi, cônsul-geral do Líbano, o arcebispo ortodoxo antioquino, dom Damaskinos Mansour, bem como demais autoridades e personalidades da sociedade civil.



“O Líbano é uma nação de coração aberto. Seu povo é uma referência em todo o mundo”

- João Carlos da Silva



PAZ!

O Líbano pede paz. Uma nação belíssima sendo atacada por mísseis e bombas em seu território sem ter em ver com essa guerra que assombra todo o mundo. Onde o Líbano errou? Em ser pacífico e altruísta? Em ser receptivo e respirar a paz? Será que o povo libanês viverá sempre em incertezas? Ora, o Líbano é uma nação de coração aberto! Seu povo é uma referência em todo o mundo pela aptidão ao trabalho e respeitabilidade ao próximo. Há milhares de libaneses espalhados em todo o território brasileiro. São milhões de libaneses que abraçaram o Brasil como sua segunda pátria. Honra - nos com suas presenças. O mundo árabe é uma bela fotografia aos olhos de quem o visita. Triste ver pessoas sendo atacadas e mortas por vontade de insanos. O Líbano sendo destruído e sem defesa. Seu povo em lágrimas na busca de refúgio. Não era para ser assim nos tempos que vivemos. A paz ao povo libanês é uma exigência plena. Que Deus possa cuidar cada vez mais de um povo admirado pelo mundo. Sem paz não tem como existir esperança no coração de cada libanês. Que ela seja uma luz perene por todo o sempre. ■

João Carlos Silva, Articulista e Consultor, foi Assessor Ministerial na Presidência da República

ENTRE ASPAS

“O Natal não é um momento nem uma estação, mas um estado de espírito”

- CALVIN COOLIDGE

“A questão sobre o Natal é que quase não importa o seu humor, ou que tipo de ano você teve – é um novo começo”

- KELLY CLARKSON

“EU AMO A EXCITAÇÃO, O ESPÍRITO INFANTIL DE INOCÊNCIA E QUASE TUDO QUE ACOMPANHA O NATAL”

- HILLARY SCOTT

“Minha ideia de Natal, seja ela antiga ou moderna, é muito simples: amar o próximo. Pensando bem, por que temos que esperar o Natal para fazer isso?”

- BOB HOPE

“O Natal é fazer algo a mais por alguém”

- CHARLES M. SCHULZ

“O Natal é um pedaço do lar que a pessoa carrega no coração”
- FREYA STARK

“É verdade, o Natal pode parecer muito trabalhoso, principalmente para as mães. Mas quando você olha para todos os Natais da sua vida, descobre que criou tradições familiares e memórias duradouras. Essas memórias, boas e ruins, são realmente o que ajuda a manter uma família unida a longo prazo”

- CAROLINE KENNEDY

“Os aromas do Natal são os aromas da infância”

- RICHARD PAUL EVANS



CARMO COURI
Engenharia Ltda

Av. Álvares Cabral, 1345- 10º andar | Lourdes
Cep 30.170-001 | Belo Horizonte- MG

(31) 3299-3000

ORNARE

TIMELESS COLLECTION



Brazil
Italy
Portugal
United States
United Arab Emirates

ornare.com